

## BEM-VINDOS AO DESERTO DO REAL! EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA AS ZONAS AMEAÇADAS DE DESERTIFICAÇÃO

WELCOME TO THE DESERT OF REALITY! DISTANCE LEARNING AS A STRATEGY OF CONTEXTUALIZED LEARNING FOR DESERTIFICATION-ENDANGERED ZONES

Edna G. de G. Brennand<sup>1</sup>  
Edwin Giebelen<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo tem por fim analisar as preocupações com a educação das populações que habitam áreas sujeitas a processos de desertificação e a preocupação com a humanidade destes sujeitos na sua relação com a natureza, baseado na discussão sobre o conceito de educação contextualizada e a metodologia da educação a distância como estratégia de intervenção nestas áreas. O modelo de ensino que defende a educação contextualizada deve ser desenvolvido com os cuidados necessários para não restringir os aprendentes ao seu universo, pois com certeza a expectativa deles é entender o seu universo para transcender esta realidade imediata. Para isso, o perfil das pessoas envolvidas na concepção inclui criatividade no planejamento e na efetivação dos projetos, envolvimento e comprometimento com a inovação no processo pedagógico e comunitário, como também competência profissional e habilidades políticas e humanas.

**Palavras chave:** Ensino aberto a distância. Estratégias. Aprendizagem Colaborativa. Hypermedia. Educação contextualizada

### INTRODUÇÃO

O estudo que gerou este trabalho é singular em dois sentidos: as preocupações com a educação das populações que habitam áreas sujeitas a processos de desertificação, e outro, a preocupação com a humanidade destes sujeitos na sua relação com a natureza. Este debate, embora incipiente no Brasil, toca de forma contundente as grandes mazelas que afetam a qualidade da educação de milhões de nordestinos e que são objeto de nossa preocupação, enquanto educadores e pesquisadores. A contribuição se situa em dois eixos

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade de Sorbonne, França. Professora do PPGE da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora visitante do departamento de Comunicação da Universidade Católica de Louvain – UCL, Bélgica. E-mail: ednabrennand@gmail.com

<sup>2</sup> Holandês, pedagogo, especialista em Educação a Distância e em Docência do Ensino Superior. Consultor pedagógico, técnico do Senac Rio e coordenador geral da Auding Idiomas, Rio de Janeiro. E-mail: edwing@globo.com

que consideramos fundamentais: uma discussão sobre o conceito de educação contextualizada e a metodologia da educação a distância como estratégia de intervenção nestas áreas.

Embora tenham sido os problemas vivenciados pela África que desencadearam a ação da ONU na criação do Ano Internacional dos Desertos e Desertificações, outros países também são tocados por este problema, o que pode justificar o interesse internacional pela questão. Em nível internacional, esta é uma preocupação recente. Data de 1994 a Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (UNCCD), passando o problema para o patamar de desafio global, reunindo parceiros e buscando alertar a comunidade internacional para a sua gravidade. Segundo documentos da ONU (2006), a desertificação é uma das formas mais alarmantes de degradação do ambiente, uma vez que ameaça à saúde e os meios de subsistência de mais de um bilhão de pessoas no planeta. Se esta é uma ameaça à qualidade de vida é, também, uma questão de cidadania, e isto implica ações educativas das mais diversas.

Mas esta preocupação tem origem, na realidade, com a crescente deterioração do meio ambiente, problema crucial para o futuro da civilização, e por isso assume uma dimensão política incontornável. O tratamento da questão ambiental como fenômeno social passa a ter atualmente uma amplitude sem precedentes para a sociedade. A compreensão dos recursos naturais como bem público traz elementos importantes para uma análise que busque estabelecer relações de cooperação entre seres humanos e natureza. Sabe-se que os impactos sobre o meio ambiente estão intimamente relacionados às estruturas sociais específicas e que os problemas ambientais trazem repercussões para a qualidade de vida e para o equilíbrio dos ecossistemas. É evidente que os erros e/ou omissões quanto ao problema da preservação do meio ambiente podem assumir dimensões inauditas e catastróficas, uma vez que é nesse contexto que se decide o futuro de todas as espécies, incluindo a espécie humana. Além disso, a resposta aos problemas não pode demorar muito mais tempo, se é que já não é tarde para algumas questões pontuais. Recorrentemente é possível verificar que os sentimentos de preocupação ambiental não têm sido acompanhados de práticas coerentes, sendo notória uma assimetria entre os domínios do pensar e do agir. Um exemplo contundente é o Protocolo de Kyoto. No momento de

assumir responsabilidades, o discurso político não se coaduna com as atitudes dos diversos países.

### **“ENXERGANDO A SECA NORDESTINA” E A DESERTIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO**

É impossível para nós, nordestinos, nos referirmos à seca sem lembrarmos um dos ícones do Nordeste, o escritor Ariano Suassuna. Na sua defesa por ações de superação dos problemas da seca e da fome, ele nos alerta para o seguinte fato: alguns avistam a seca, mas poucos a enxergam. Assim, nossa expectativa é que estudos sobre os aspectos sociais e educacionais deste fenômeno tragam o alargamento do olhar do mundo sobre as zonas sujeitas à desertificação e, sobretudo, sobre os coletivos humanos que a habitam, sofrem na pele suas consequências e vivenciam a sede não somente de água, mas também a sede de acesso às necessidades humanas básicas, entre elas a educação. A sede de saber e a aridez cada vez maior das condições de vida levam a maioria destes coletivos humanos a não mais enxergarem com nitidez os caminhos que podem levar à superação dos seus inúmeros problemas. Queremos aqui ressaltar a responsabilidade dos poderes constituídos na intervenção e na busca de soluções para tantas questões que se colocam como prioritárias. Não poderíamos, também, deixar de lembrar outro nordestino sempre presente nas discussões sobre o semiárido brasileiro, o prof. Manuel Vilar, e ex Presidente do Instituto do Semiárido Celso Furtado, que denuncia que há uma dramática não decisão em relação ao polígono das secas e que os moradores do semiárido são credores do Brasil (VILAR, 2006). Acrescentaríamos que eles estão a clamar pelo pagamento desta dívida, que do ponto de vista humanitário é mais importante que as dívidas do Brasil com o FMI e que mereceu pagamento adiantado dos juros pelo governo atual.

Na caatinga aberta do semiárido nordestino, durante muitos meses do ano, o sol bate no chão com tanta força que produz rachaduras profundas, sugando das entranhas do solo qualquer indício de água. Mas ao cair da chuva “[...] um extrato herbáceo de capins temporários e leguminosas perenes [...]” (VILAR, 2006) brotam com força, trazendo o verde extraordinário mostrando que a vida e a abundância continuam latentes! É sobre esta força latente presente no solo e na alma dos nordestinos que propugnamos o desenvolvimento de uma

educação que possa despertar a cognição destes sujeitos embotada pela desnutrição e pela banalização de sua imagem de pobre e marginalizado da inteligência coletiva. Qualquer ação educativa, presencial ou a distância, pensada para os coletivos que habitam estas áreas sujeitas à desertificação, seja no Brasil ou nos países africanos, deverá ser desenvolvida procurando de forma sistemática e plural respostas construtivas para os problemas ambientais nos quais se decide o futuro das gerações futuras, sejam elas humanas ou não-humanas. Precisamos que as instituições responsáveis criem condições materiais de concretização além de planos de metas e políticas públicas bem definidas. Assim como o solo, a inteligência não irrigada e alimentada tende a desertificar-se, e gostaríamos aqui de lembrar que a desertificação da educação merece também um ano internacional na agenda da ONU.

### EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

O conceito de contextualização foi desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), por apropriação de múltiplos discursos curriculares, nacionais e internacionais, oriundos de contextos acadêmicos, oficiais e das agências multilaterais. A contextualização, associada à interdisciplinaridade, vem sendo divulgada pelo MEC como princípio curricular central dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e como resposta ao atendimento às demandas da nova economia. Tais concepções de ensino contextualizado, relacionadas à valorização dos saberes prévios dos alunos e dos saberes cotidianos, bem como relacionadas com o caráter produtivo do conhecimento escolar, contribuem para a legitimidade dos PCNs junto à comunidade educacional. É preciso considerar, todavia, o quanto tais concepções estão hibridizadas aos princípios do eficientismo social. Os saberes prévios e cotidianos são incluídos em uma noção de contexto mais limitada em relação ao âmbito da cultura mais ampla. A noção de contexto restringe-se ao espaço de resolução de problemas por intermédio da mobilização de competências. As ambiguidades no conceito de contextualização apresentadas, entretanto, não devem ser identificadas como negativas em si. Tais ambiguidades expressam os conflitos, velados ou não, existentes no processo de produção de uma proposta curricular que visa se legitimar na comunidade educacional e por isso realiza acordos para tal. Tais acordos exigem a apropriação de discursos de diferentes segmentos,

especialmente para produção do discurso regulativo da proposta, no qual se integra o conceito de contextualização no mundo globalizado. O ensino contextualizado vem sendo bem aceito na comunidade educacional, como atestam trabalhos apresentados em recentes congressos da área e diversas experiências exitosas que vêm sendo realizadas em vários estados como Bahia, Piauí, Maranhão e outros. Rapidamente, vem se fazendo uma substituição do conceito de cotidiano e de valorização dos saberes populares pelo conceito de contextualização, muitas vezes havendo a suposição de que se trata do mesmo enfoque educacional. Desconsidera-se que a contextualização é um dos processos de formação das competências necessárias ao trabalho na sociedade globalizada e à inserção no mundo tecnológico. Ainda que esse mundo seja muito diferenciado em relação ao início do século XX, quando foram produzidas as principais teorias da eficiência social, prevalece a restrição do processo educativo à formação para o trabalho e inserção social, desconsiderando sua relação com o processo de formação cultural mais ampla, capaz de conceber o mundo como possível de ser transformado em direção a relações sociais menos excludentes.

### **RISCOS DESTA CONCEPÇÃO: O EXCESSO DE LOCALISMO E O COMPROMETIMENTO DA FORMAÇÃO MAIS AMPLA**

Não deixamos de considerar as experiências exitosas de projetos de educação contextualizada e algumas mudanças curriculares bem como a produção de material didático voltado para as realidades locais de vários municípios. O Programa Permanente de Convivência com o Semi-Árido (PPCSA) da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), a Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro (RESAB), o Programa Permanente de Convivência com o Semi-Árido, Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAS), projeto Viva o Semi-Árido, e projetos diversos desenvolvidos pela Cáritas colocam em relevo estas ações. Mas não podemos deixar de assinalar alguns riscos de se tomar determinadas pedagogias que enfatizam a valorização da cultura local sem realizar as devidas relações entre o local, o nacional e o internacional. Não podemos abrir mão da compreensão que a educação para a diversidade e para a pluralidade incorpora duas dimensões importantes: da convivência universal e da compreensão ampliada do mundo. É preciso

considerar que as crianças e jovens do semiárido vivenciem a força da sua cultura expressa através de inúmeras e ricas manifestações culturais como o frevo, o maracatu, o côco, o forró pé-de-serra, a literatura de cordel, os contos de Ariano Suassuna, o romance de Graciliano Ramos e a literatura infantil de Monteiro Lobato. Mas elas não podem ser alijadas do direito de conhecer, ouvir e apreciar a nona sinfonia de Beethoven, as Quatro Estações de Vivaldi, ler os contos de Shakespeare, compreender sua capacidade de representar aspectos da natureza humana. Elas também precisam entrar no mundo simbólico pelas mãos de Lewis Carroll em Alice no País das Maravilhas, bem como realizar uma visita virtual ao Museu do Louvre ou a Galeria Nacional de Londres. O ser humano é em sua essência “um caçador de sentidos” e sua condição social não pode lhe aprisionar na simples compreensão do seu mundo mais imediato. Precisam conhecer e lidar com as características singulares do semiárido, mas compreender, também, como Israel transformou o Deserto em campos verdejantes por um processo simples de irrigação, como os egípcios cultivam o vale do Nilo e como os chilenos exploram os minerais no Deserto do Atacama.

Quando recebemos uma mensagem, nossa mente a transforma de maneira que nosso poder cognitivo a reconheça, ou seja, a mensagem é ‘ajustada’ a partir do que já conhecemos. Assim, a educação deverá propiciar situações cognitivas para que a mente seja capaz de reconstruir informações. Nossas percepções podem fazer reconstruções ou traduções de novas informações a partir de associações a outras preexistentes em nossas mentes. Nesse sentido, a educação contextualizada não pode encontrar outro sentido senão o de se constituir como base do processo educativo e não sua finalidade. Segundo Nachtigall (2006), a contextualização do ensino deve ser tratada com muito cuidado, uma vez que praticando um ensino inserido no mundo em que vive o aluno num primeiro momento pode parecer adequado, já que os exemplos usados pelos professores fazem parte de seu cotidiano, o que inegavelmente favorece a imaginação e compreensão daquilo que se quer ensinar. Entretanto, aprofundando um pouco mais a análise sobre o que estaremos fazendo, chegaremos à conclusão de que a capacidade de imaginação e raciocínio dos alunos não deve ser subestimada. Uma das principais funções da educação é proporcionar ao estudante uma visão geral e global do mundo, mostrando a ele a sociedade sem disfarces. Com a popularização dos canais abertos de

televisão, os estudantes tomam contato com múltiplos mundos, não fazendo mais sentido os professores acharem que determinado fato ou exemplo não deve ser discutido, por não fazer parte da realidade de seus alunos. Assim, o modelo de ensino que defende a educação contextualizada deve ser desenvolvido com os cuidados necessários para não restringir os aprendentes ao seu universo, pois com certeza a expectativa deles é entender o seu universo para transcender esta realidade imediata. Os professores que aqui vivenciam uma educação restrita pelas condições adversas de sua realização têm o direito de ampliar sua visão de mundo através do acesso ao acervo cultural da humanidade. Nesse sentido, como educadores nos inquietamos com a emergência de modismos e ou ações contextualizadas das ditas Pedagogias de Projetos. Políticas educacionais apropriadas para o semiárido podem incidir na diminuição das desigualdades, no desenvolvimento humano sustentável, inclusive partindo de um princípio político-metodológico que vise à ressignificação dos conteúdos escolares considerando a contextualização desses conteúdos. Entretanto, não pode reduzir-se a este princípio. A concepção de educação contextualizada deverá ser entendida como uma educação que parte das realidades locais para ajudar a ampliar a compreensão sobre a pluralidade das culturas e a diversidade dos saberes produzidos pela sociedade. Outro aspecto a ser levado em conta é a característica do ser humano como indivíduo participativo em relação à diversidade cultural. A espécie humana é um tipo de espécie que possui o desejo latente de perpetuar-se e depende de interação com a natureza e a sociedade. A construção desse processo passa por indivíduos capazes de ver/entender o mundo e suas problemáticas, não de forma fragmentada, mas sim através de uma visão interdisciplinar das questões locais associadas a questões políticas, econômicas, socioculturais e tecnológicas e ambientais contemporâneas. Indivíduos capazes de problematizar os obstáculos e ampliar a compreensão do sentido do fazer, do pensar e do sentir sobre as coisas do mundo. É essa formação que vai permitir o desenvolvimento da capacidade de interpretar, questionar e não apenas assimilar, construir e não apenas reproduzir. A construção de bagagens de referências e associações comuns para abrir o compartilhamento de contextos. A educação contextualizada deverá preparar esta bagagem de referência.

Nesse sentido, dos estudos e pesquisas sobre a questão poderão sair diretrizes de um programa educativo que poderá ajudar a romper a grande distância entre as várias educações aqui desenvolvidas. Uma ação racional com metas tangíveis e passíveis de serem implementadas que respeite a dignidade dos sujeitos sociais e reforce condições adequadas de convivência com as características peculiares da seca sem perder de vista a compreensão de horizontes mais amplos. Que possa partir da concepção da educação contextualizada em direção a uma educação mais ampla, fomentadora da liberdade de pensar, agir e transformar as diversas realidades em permanente construção.

### **A SUSTENTABILIDADE DA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO: IRRIGANDO MENTES PELA CRIAÇÃO DE SIGNIFICADOS EDUCATIVOS NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO**

O educador Paulo Freire (1982), grande cidadão nordestino, ao teorizar sobre o vivido e o sentido da educação brasileira, defende que todo cidadão tem direito a dominar o saber médio do seu tempo. O saber médio deste início de século supõe dominar a linguagem multimidiática e interpretar o imaginário subjacente ao uso das tecnologias da informação e comunicação. Nesse sentido, a EAD pode ser adaptada para um programa de formação de educadores, muitos deles ainda não inseridos nos processos de inclusão digital.

O desafio de iniciar estudos neste domínio foi, sobretudo, a esperança de irrigação de outros estudos e debates na direção de ações comprometidas para pensar a educação dos moradores do semiárido e aqui trazemos nossa contribuição, propondo não um modelo, mas eixos fundamentais para gerar programas de formação dos educadores que com dificuldade trabalham nas escolas públicas sucateadas, em que as informações e conteúdos que chegam são aqueles que parecem não ter passado pelo controle de qualidade do arsenal da ciência e tecnologia de ponta que o Brasil está gerando. O Nordeste abriga polos importantes de geração de tecnologia de ponta como o C.E.S.A.R e o Lavid. Aqui a sede maltrata, a fome também. Em épocas de grandes estiagens, moradores do sertão invadem os grandes centros urbanos em busca de comida, mas geram tecnologia para HP, para grandes empresas de telecomunicações,



produzem *softwares* e exportam cérebros para vários países do mundo. Estamos ajudando a construir o padrão Brasileiro de Televisão Digital, publicando na *Physical Review Letters*, participando do Programa Genoma brasileiro, por isso acreditamos sermos capazes de contribuir decisivamente para uma ação de educação contextualizada, pois dominamos o mais alto padrão de produção do conhecimento.

Consideramos possível e interessante, do ponto de vista da inclusão digital, o uso da modalidade de educação a distância na formação de educadores, uma vez que vai proporcionar uma experiência inovadora aos professores. Assim, dispositivos de aprendizagem a distância, baseados na partilha de saberes que sustente a ideia de aprendizagem contextualizada chegando aos aprendentes, neste caso os educadores, se constituirá com certeza um espaço importante de conexão de saberes. O simples uso do suporte tecnológico não garante uma aprendizagem significativa, mas o uso adequado destas tecnologias abre possibilidades múltiplas de aprendizagem. É possível criar uma rede, discutindo formas de consolidá-la a partir de processos educativos, que interconecte pensamentos e corporifique ideias através das redes interativas. A riqueza do espaço deste evento está exatamente na tentativa de aglutinar atores para discutir as possibilidades de usufruir da rede internet redimensionando a necessidade de novos empreendimentos, novas experiências no plano da educação, da cultura, da sociedade, criando espaços de ação e buscas para a estruturação e organização dos espaços de aprendizagem.

Porém, com a EAD poderemos correr alguns riscos, entre eles a massificação de cursos pré-programados dissociados das realidades tecnológicas locais e portadores de pacotes prontos para serem “consumidos”. É possível aproveitar a potencialidade da EAD para maximizar planos e (re) dimensionar as nuances das ações educativas para o Semiárido. Há boas possibilidades de criação de redes de saberes envolvendo o Ministério, Governo Estadual, Universidades, Prefeituras, ONGs, e outras entidades locais para construção de um Programa de formação. A criação de um programa de educação a distância e educação contextualizada do semiárido promoverá um diálogo sobre o desenvolvimento integral de crianças e jovens e a busca de rumos que tragam cenários de inclusão social e resolução de problemas

ambientais. Esta compreensão de rede não passa pela compreensão física por onde navegam as informações, mas por uma interpretação que passa antropologia, informática, cultura, política, economia, e redes sociais.

O modelo deverá ser centrado em processos amplos de interatividade e envolver as diversas linguagens midiáticas levando em conta as peculiaridades das tecnologias disponíveis.

A Educação a Distância, embora prescindida da relação face a face em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem, exige relação dialógica efetiva entre alunos e orientadores acadêmicos. Por isso, impõe uma organização de sistema que possibilite o processo de interlocução permanente entre os sujeitos da ação pedagógica.

Dentre os elementos imprescindíveis ao sistema estão: a implementação de uma rede que garanta a comunicação entre os sujeitos do processo educativo; a produção e organização de material didático apropriado à modalidade; processos de acompanhamento e avaliação próprios; criação de ambientes reais e/ou virtuais que favoreçam o processo de estudo dos alunos; o processo de orientação acadêmica.

Assim, por suas características, a educação a distância supõe um tipo de ensino em que o foco está no aluno e não na turma. Este aluno deve ser considerado como um sujeito do seu aprendizado, desenvolvendo autonomia e independência em relação ao professor, que o orienta no sentido do “[...] aprender a aprender e aprender a fazer [...]”.

A separação física entre os sujeitos faz ressaltar a importância dos meios de aprendizagem. Os materiais didáticos devem ser pensados e produzidos dentro das especificidades da educação a distância e da realidade do aluno para o qual o material está sendo elaborado. Da mesma maneira, os meios onde esses materiais serão disponibilizados. A realidade do nordeste brasileiro aponta ainda para a produção de material impresso, áudio e vídeo. No entanto, não se pode deixar de levar em conta o caráter revolucionário da internet. O avanço dos meios informáticos e digitais, sobretudo como uma tecnologia que facilita em grande medida a comunicação, a troca e a aquisição de informação, relevando a necessidade de elaboração de materiais para *web*, ou a utilização de mídias digitais, como o CD-ROM. Apesar da característica de estudo autônomo da EAD, as teorias de aprendizagem apontam para a eficácia da construção coletiva do

conhecimento, da necessidade do grupo social como referência para o aprender. Um dos grandes desafios aqui é tornar viável o coletivo onde a marca é o individual.

Para isso, o perfil das pessoas envolvidas na concepção, criação de materiais multimídia, mediação pedagógica e docência exige abertura às necessidades e mudanças da comunidade local e planetária, que possuam criatividade no planejamento e na efetivação dos projetos, tenham envolvimento e comprometimento com a inovação no processo pedagógico e comunitário e possuam competência profissional e habilidades políticas e humanas.

### ABSTRACT

This paper deals with the education of populations living in areas in the process of desertification based on the concept of contextualized learning and the methodology of distance learning as an intervening strategy in such areas. Discussion about contextualized learning should also mention some risks when adopting certain pedagogies that emphasize the valorization of local culture without forming proper relations between the local, national and international spheres. Learning theories point to the effectiveness of the collective construction of knowledge, the need for the social group as a reference for learning. To do so, the profile of people involved in the concept, creation of multimedia material, pedagogic mediation and teaching staff must be open to the needs and changes of the local and global community and include creativity, planning, involvement and commitment to innovation in the community and teaching process, and political and human skills.

**Keywords:** Open Distance Learning; Learning Strategies, Colaborative Learning; Hypermedia; contextualized learning

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais:** ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRENNAND, E. G. G. Ciberespaço e educação: navegando na construção da inteligência coletiva. **Informação & Sociedade:** estudos. João Pessoa: UFPB, v. 11, p. 3 – 16, 2001.

\_\_\_\_\_. Novas tecnologias e educação à distância: estratégia de expansão do ensino ou processo de exclusão dos jovens na escola regular? In: XV Encontro de pós-graduação do Nordeste – EPEEN, 2001. São Luís: UFMA, **Anais...** São Luís: EPEEN, 2001.

\_\_\_\_\_; VASCONCELOS, G. **Admirável mundo virtual.** João Pessoa: UFPB/CEAD, 2002.

\_\_\_\_\_. MEDEIROS, W., LEMOS, G. et al. TV digital interativa e aplicações em educação. In: BRENNAND, E.; GALVÃO, N. (Orgs.). **Múltiplos saberes e educação**. João Pessoa: UFPB, 2004. p. 120-133.

\_\_\_\_\_. Culturas em diálogo: pensando a diversidade com Paulo Freire. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: a questão social no novo milênio. **Anais...** Coimbra... 2004.

\_\_\_\_\_. Ciberespaço e redes de saberes: reconstruindo novos espaços educativos. *Seminário MOST/UNESCO: educação e transformação social*. Recife: UFPE, 2002.

FREIRE .P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

NATIONS UNIES. A/RES/58/211. Assemblée générale. Distr. Générale. 9 février 2004.

Cinquante-huitième session. Point 94, *b*, de l'ordre du jour 03 50719. Résolution adoptée par l'Assemblée général [sur le rapport de la Deuxième Commission (A/58/484/Add.2)] 58/211. *Année internationale des déserts et de la désertification*, 2006.

NACHTIGALL, M. **Abordagem contextualizada na educação**. Disponível em: <[www.if.ufrgs.br/tex/edu02220](http://www.if.ufrgs.br/tex/edu02220)>. Acesso em: abril 2006.

SUASSUNA, A. **O grito da seca**. Palestra proferida em Lages-RN, 1998 (arquivo impresso).

VILAR, M. et al. **Notas de aula**. Curso especialização em desenvolvimento sustentável para o semi-árido brasileiro. Campina Grande, 2006.